

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

DANIEL ALMADA MENDES

**DO CAMPO PARA A CIDADE: UM ESTUDO DE TRÊS NARRATIVAS DE
ANÍBAL MACHADO**

**JARDIM
2019**

DANIEL ALMADA MENDES

**DO CAMPO PARA A CIDADE: UM ESTUDO DE TRÊS NARRATIVAS DE
ANÍBAL MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Português/Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim-MS como pré-requisito para obtenção de Grau de Licenciado em Letras Português/Inglês, sob orientação de Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira.

**JARDIM
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

MENDES, A. D.

Do campo para a cidade: Um estudo de três narrativas de Aníbal Machado (2019), Daniel Almada Mendes – UEMS/Jardim, 2019. 45 f.

Bibliografia

Monografia de Graduação-Curso de Habilitação LETRAS – Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Modernismo; 2. Aníbal Machado; Interior; 3. Cidade grande.

TERMO DE APROVAÇÃO

DANIEL ALMADA MENDES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO HABILITAÇÃO LETRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DO CAMPO PARA A CIDADE: UM ESTUDO DE TRÊS NARRATIVAS DE
ANÍBAL MACHADO

APROVADO EM: ____/____/____

Orientador: Professor Dr. Marcos Vinícius Teixeira
(Presidente)

Prof.^a Dr.^a Joice Alves
(UEMS- Jardim)

Prof. Dr. Volmir Cardoso Pereira
(UEMS – Campo Grande)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais José Carlos Barbosa Mendes e Regina Almada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio que foi fundamental para a realização do curso e especialmente deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador que, além de ser, para mim referência profissional foi essencial para este estudo. Não há como mensurar toda a ajuda, o respeito, a amizade e a confiança que surgiu desta relação.

Agradeço à minha parceira, Edilaine Ortiz, por seu apoio, amor, respeito e por todas as vezes que esteve ao meu lado.

Agradeço aos colegas que estiveram comigo durante estes anos. Todo os momentos vividos serão sempre lembrados.

Agradeço à Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim e a todos os professores que tive contato e contribuíram de forma essencial para a minha formação.

“O difícil não é aprofundar a solidão; é dela sair com a vida entre os dentes.”

(MACHADO, 1994. p. 22)

RESUMO

No universo literário do escritor modernista Aníbal Machado é recorrente encontrarmos personagens que migram do interior provinciano para a cidade grande. Dentre as histórias que escreveu, merecem destaque os contos “Viagem aos seios de Duília” e “O telegrama de Ataxerxes” aos quais se soma o seu romance *João Ternura*. Nas três narrativas observa-se esse movimento do interior, marcadamente mineiro, para a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é analisar as três histórias observando-se o trânsito entre o interior e a cidade grande. Para isso, recorreremos aos estudos de Antonio Candido (2000), Antonio Dimas (1985), Renard Perez (1965), Walter Benjamin (2017), Pedro Nava (1979), Marcos Vinícius Teixeira (2005) e (2011), Andréa Maria Araújo Lacerda (2013), Sergio Buarque de Holanda (2014) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo; Aníbal Machado; Interior; Cidade grande.

ABSTRACT

In the literary universe of the modernist writer Aníbal Machado it is recurrent to find characters who migrate from the provincial interior to the big city. Among the stories he wrote, the short stories "Viagem aos seios de Duília" and "O telegrama de Ataxerxes" are worth mentioning, to which his novel *João Ternura* is added. In the three narratives, this movement is observed from the interior, markedly from Minas Gerais, to the city of Rio de Janeiro, then the capital of Brazil. The objective of this Work of Course Conclusion is to analyze the three stories observing the traffic between the interior and the big city. To do so, we use the studies of Antonio Candido (2000), Antonio Dimas (1985), Renard Perez (1965), Walter Benjamin (2017), Pedro Nava (1979), Marcos Vinícius Teixeira (2005) e (2011), Andréa Maria Araújo Lacerda (2013), Sergio Buarque de Holanda (2014) among others.

KEYWORDS: Modernism; Aníbal Machado; Interior; Big City

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. “VIAGEM AOS SEIOS DE DUÍLIA”	14
2. “O TELEGRAMA DE ATAXERXES”	25
3. <i>JOÃO TERNURA</i>	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O escritor mineiro Aníbal Monteiro Machado é um importante nome do Modernismo brasileiro. Sua produção literária ganhou notoriedade com as publicações de seus contos e de seu romance. Em sua obra, o trabalho com o universo interiorano *versus* o universo da cidade grande é recorrente. É comum nos depararmos com personagens que saem de um interior, marcadamente mineiro, e seguem para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Neste trabalho¹, temos como objetivo estudar as trajetórias dos protagonistas dos contos “Viagem aos Seios de Duília” e “O telegrama de Ataxerxes” e do romance *João Ternura*. A trajetória de mudar-se do campo para a cidade é compartilhada por eles. A urbe se torna um atrativo para os moradores do campo. Assim, a mudança do espaço é refletida nos indivíduos e cada protagonista reage de uma forma diante da metrópole.

Aníbal publicou seu primeiro livro, *Vila Feliz*, em 1944. A primeira edição, publicada pela editora José Olympio, possuía os seguintes contos “O Telegrama de Ataxerxes”, “Acontecimento em Vila Feliz”, “O piano”, “Tati, a garota” e “A morte da porta-estandarte”. Já em 1959, há uma nova publicação com o nome de *Histórias Reunidas* e contava com sete publicações inéditas, inclusive o conto “Viagem aos seios de Duília” o qual foi dedicado ao seu amigo Carlos Drummond de Andrade. Outra publicação importante é *Cadernos de João*, de 1957. Aníbal possuía poucas publicações em relação a sua grande capacidade literária e artística. Um fator importante é que, enquanto publicava seus contos, o escritor trabalhava no seu único romance *João Ternura* publicado em 1965.

Portanto, o romance é uma obra que acompanhou o escritor durante sua vida toda. Após a publicação póstuma, a figura do personagem e de seu criador foram vistas como uma só. Porém, segundo Marcos Vinícius Teixeira: “Se Aníbal Machado deixa em *João Ternura* marcas biográficas evidentes, de modo também evidente usa de procedimentos para distanciar a figura do personagem da sua própria” (TEIXEIRA, 2005, p.34).

A infância de João Ternura se assemelha muito com a própria vida do autor. Porém, nesse ponto é importante ressaltar que se torna equivocado dizer que se trata da vida de Aníbal Machado. A dissertação de mestrado, *João Ternura: Romance de uma vida*, de Marcos Vinícius Teixeira, aborda com propriedade essas semelhanças entre o autor e o personagem João Ternura.

¹ Este Trabalho de Conclusão de Curso é um desdobramento da Iniciação Científica que realizei no período de 01/02/2017 a 31/01/2018 sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira.

O autor publicava pequenas partes do seu romance e, às vezes, confiava algumas folhas aos seus amigos mais íntimos como Renard Perez, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Eneida de Moraes entre outros. A demora na publicação do seu romance causou uma enorme expectativa, já que os amigos que tiveram acesso aos trechos de *João Ternura* ficavam maravilhados e aguardavam ansiosamente, ver a obra completa.

O romance demorou décadas para ficar pronto. Com isso, a data em que Aníbal começou a escrever é incerta: “Desde 1926, entretanto aproveitando lazeres, vinha Aníbal escrevendo um romance *João Ternura, lírico e Vulgar*. Romance? O livro não se vai apresentando como uma estrutura tradicional” (PEREZ, 1965, p. xxiii). Podemos perceber no trecho citado que o crítico Renard Perez informa o ano de 1926 como data de início do romance. Além do mais, pontua, por sua vez, a forma inovadora utilizada pelo escritor na construção de sua obra.

Porém, Teixeira (2005) nos mostra que a crítica literária, durante muito tempo e de forma equivocada, seguiu a data informada por Renard Perez. Teixeira considera mais confiável a informação fornecida por Pedro Nava. Segundo Nava, em seu livro de memórias *Beira-Mar*, o início do romance *João Ternura* se dera antes de 1922. Podemos notar no trecho a seguir a época que Aníbal já trabalhava em seu romance:

Nessas visitas que comecei a lhe fazer em 1922 ele [Aníbal] já estava às voltas com o seu *João Ternura* de mocidade, maturidade e velhice. Aníbal o escreveu, alterou, mudou, desprezou em partes inúmeras, reformou outras, poliu e repoliu, sempre descontente e a obra só saíra em 1965, ano seguinte ao de sua morte. Marco aqui a data da edição para deixar claro que não foi a da obra. Esta vinha de mais longe, de 22, 21, talvez de anos antes desse período, talvez dos tempos da promotória em Aiuruoca. (NAVA, 1979, p.83)

Portanto, através dos relatos de Pedro Nava notamos que a obra teve um início bem antes que Renard Perez menciona. Do mesmo modo, mostra a relação que o autor tinha com a sua obra, a qual por muitas vezes ficou desprezada dentro de uma gaveta.

O autor não vê a repercussão de sua obra, já que romance foi publicado após a sua morte: “Nossa satisfação e alegria apenas ficam dolorosamente amarguradas por tratar-se de publicação póstuma: ganhamos o *João Ternura* e perdemos Aníbal Machado”. (CARPEAUX, 1965, p. xxxvii). Otto Maria Carpeaux lamenta nesse trecho a morte do escritor. Segundo Carpeaux, os contos de Aníbal já haviam se consagrado definitivamente na literatura brasileira, como vemos na citação a seguir:

Na história intelectual do país viverá Aníbal como escritor. E suas melhores obras já estão definitivamente incorporadas à literatura brasileira: seus contos. Todo o mundo os conhece um desses contos, *A morte da Porta-Estandarte*, teve a rara sorte de entrar na subconsciência literária do povo: Talvez o destino

que o “populista literário” Aníbal Machado mais desejasse. (CARPEAUX, 1965, p. xlii)

Nos contos e no romance de Aníbal a cidade do Rio de Janeiro é mencionada várias vezes, mostrando uma relação muito importante com o espaço. Diante disso, é pertinente o estudo dessa relação entre interior e cidade grande que está presente nas obras do autor. É recorrente em suas obras os personagens do interior realizarem esta trajetória para a cidade grande com intuito de mudança financeira e social. Essa transição se assemelha à vida do autor que se mudou do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro.

Segundo Carpeaux, os contos de Aníbal ficaram guardados como monumentos de um Rio de Janeiro de sua época. Além disso, o crítico ressalta a expectativa em relação a publicação do romance, como identificamos no trecho a seguir:

Faltava um monumento do próprio Aníbal Machado: é nessa obra que ele trabalhou a vida toda: seria o romance *João Ternura*. Quando conheci Aníbal parece-me que foi em 1941- me diziam os amigos: os contos são ótimos, muita outra coisa ótima está escondida nas gavetas, mas Aníbal ainda não tinha dado toda a medida o seu talento; espere o *João Ternura*. (CARPEAUX, 1965, p.xlii)

Uma obra que marcou a literatura brasileira, o romance que parecia estar sempre em preparativos². Manuel Cavalcanti Proença, em seu texto “Balões Cativos”, afirma que Aníbal transmite suas próprias características para seus personagens: “O autor transmite aos personagens sua sensibilidade à música, ao mistério, ao calor da linguagem” (PROENÇA, 1989, p. xiv).

Portanto, há uma mistura de características entre o autor e seus personagens. Aníbal era um narrador por excelência. Proença ressalta a narrativa do autor no trecho a seguir: “A narrativa de Aníbal Machado se desenvolve em terreno fronteiro, ora pisando chão de realidade, ora pairando nas nuvens do imaginário, entre sonho e vigília, entre espírito e matéria, verdade e mentira, relatório e ficção” (PROENÇA, 1989, p. xiv). Podemos ver no romance e em seus contos essa oscilação entre a realidade e o imaginário.

A relação da cidade e do campo perpassa as obras de Aníbal e os personagens procuram na cidade grande uma forma de mudar de vida. A metrópole com seu fluxo acelerado em contraponto com o campo que é mostrado como um lugar pacato e sem esperanças de mudança. Segundo Raymond Williams: “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida —

² A tese *Aníbal Machado: um escritor em preparativos* de Marcos Vinícius Teixeira aborda com propriedade esse tema nas obras de Aníbal Machado.

de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações— de saber, comunicações, luz.” (WILLIAMS, 2011, p.11). Analisando as obras de Aníbal podemos realizar um paralelo com o desenvolvimento das cidades e do país como um todo. De acordo com Milton Santos:

Entre 1940 e 1980, dá-se a verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século atrás (1940), a taxa de urbanização era de 26,35 %, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. (SANTOS, 1993, p. 29).

As narrativas de Aníbal mostram personagens que estão imersos nesse processo de mudança. A cidade começa a concentrar o maior número de moradores, isto é, um verdadeiro êxodo rural. Por consequência, o crescimento da urbanização causa o aumento de outros problemas como: violência, desigualdade social, falta de emprego e moradia.

Diante disso, no primeiro capítulo desta pesquisa trataremos do conto “Viagem aos seios de Duília”, que conta a história de José Maria, um personagem que se muda do interior de Minas Gerais, para a cidade do Rio de Janeiro. O protagonista consegue uma ascensão financeira e social, tornando-se um respeitado funcionário público. Porém, quando se aposenta, percebe que perdeu todo seu tempo apenas com trabalho e não consegue se adaptar ao novo modo de vida. A cidade para o personagem se torna um espaço de aflições. Nesse momento, o protagonista busca no seu passado a jovem Duília, um amor há muito esquecido. Na esperança de reencontrar o amor, o personagem faz uma viagem de retorno ao interior de Minas Gerais, até a cidadezinha de Pouso Triste. José Maria tenta ver o interior como um refúgio, um lugar no qual se adaptaria e reaprenderia a viver.

No segundo capítulo abordaremos o conto “O telegrama de Ataxerxes”. Neste, o personagem João Ataxerxes em uma noite se lembra de que foi colega do atual presidente, percebendo nesta situação uma maneira de tirar alguma vantagem dessa suposta amizade. O personagem convence a sua esposa e a filha a largarem o sítio no interior e embarcarem rumo ao Rio de Janeiro na expectativa de mudar de vida. O personagem é homem ganancioso e chegando à cidade grande inicia sua tentativa de enviar um telegrama para o presidente contando da sua chegada. A elaboração do telegrama demora e o personagem encontra grande dificuldade para escrever de uma forma que surtiria o efeito desejado. Porém, percebe que a suposta amizade já lhe gera inúmeras regalias e João Ataxerxes aproveita dessas vantagens no Rio de Janeiro.

No terceiro capítulo analisaremos o romance *João Ternura*. Nesta obra, o personagem vive a infância no sítio dos pais. Após a falência dos negócios da família, o protagonista João Ternura se muda para o Rio de Janeiro a pedido dos pais. Na cidade grande ele deveria tentar melhorar de vida, arrumar trabalho, acumular dinheiro, tornar-se alguém de uma classe social mais elevada. Contudo, no Rio de Janeiro, o personagem tem uma reação diferente do esperado. Para ele, o que importava era viver a cidade, aproveitar cada oportunidade. João Ternura é completamente apático em ganhar dinheiro. Não pretendia fazer parte da alta sociedade carioca cheia de homens considerados importantes. O personagem acaba por viver em conflito: Ora aceita o Rio de Janeiro, ora deseja voltar para o sítio dos pais.

1. “VIAGEM AOS SEIOS DE DUÍLIA”

Aníbal tem uma atenção especial na relação personagem *versus* espaço. Na narrativa “Viagem aos seios de Duília”, o protagonista José Maria, muda-se do interior para o Rio de Janeiro, e essa transição muda a vida e o próprio personagem de várias formas. A escolha da palavra “viagem” não é por acaso, pois o personagem José Maria embarca em uma verdadeira viagem ao passado e à cidadezinha no interior de Minas Gerais para encontrar Duília um amor de adolescência. O conflito entre interior e cidade grande é presente logo no início do conto como já ressaltado por Teixeira:

É válido observar a forma como, a primeira frase do conto, Aníbal Machado compara o elemento da cidade com um elemento da roça: o bondezinho parava como ‘burro ensinado’. A mistura do elemento urbano com o rural demonstra a atmosfera que o protagonista viverá, pois no Rio de Janeiro passa a se sentir deslocado e, evidentemente, não é no interior de Minas que se sentirá em casa. A imagem do funcionário público e esse homem dividido entre cidade grande e o interior mineiro nos remete ao universo literário de Carlos Drummond de Andrade, a quem o conto é dedicado, e que, em “Explicação”, escreve os famosos versos: “No elevador penso na roça/ na roça penso no elevador”. (TEIXEIRA, 2011, p. 204)

A cidade grande e o interior estão presentes internamente no personagem. No decorrer da história perceberemos que o Rio de Janeiro se tornará estranho para o protagonista e o interior ou o campo será uma esperança de mudança. A pesquisadora Andréa Maria de Araújo Lacerda, em sua tese *O espaço ficcional em contos de Aníbal Machado*, ressalta a importância do espaço para a história e para o personagem:

Nessa narrativa, a importância do espaço vai muito além de apenas delimitar o local onde ocorre a trama, já que ele (tanto o físico quanto o social) também contribui e ajuda a moldar o modo de ser e de agir da personagem. O ambiente/ atmosfera burocrático, maquinal e rotineiro aliado à agitação e pressa da cidade grande, fez de José Maria um homem metódico, possuidor de uma vida sem sobressaltos quer sejam positivos, quer sejam negativos. (LACERDA, 2013, p.150).

O personagem consegue uma ótima posição social no Rio de Janeiro. Era um homem bem-sucedido, trabalhava em uma repartição pública, era uma figura respeitada na sociedade. Depois de anos pegando o mesmo bonde, realizando as mesmas atividades todos os dias, como uma engrenagem de uma máquina, o personagem se enxerga sem utilidade quando percebe que é apenas um funcionário público aposentado, como uma máquina velha que foi substituída por algo mais moderno. Segundo Lacerda, essa repetição chega a se assemelhar a algo mecanizado:

A mecanicidade da personagem é reforçada quando o narrador nos põe a par da rotina de José Maria que, como muitos outros indivíduos inseridos no espaço de trabalho, público ou privado, realiza diário e repetidamente as mesmas ações, quer sejam no expediente de trabalho, quer sejam na sua vida pessoal. Há, na verdade, uma espécie de transposição: o esforço mecânico desempenhado no trabalho ultrapassa esse espaço e começa a definir ou a moldar a personalidade do sujeito. (LACERDA, 2013, p.151)

O personagem era um homem metódico, como vemos no trecho a seguir: “Interrompera da noite para o dia o hábito de esperar o bondezinho, comprar jornal da manhã, bebericar o café na avenida, e instalar-se à mesa do Ministério, sisudo e calado, até às dezessete horas.” (MACHADO, 1989, p.36). Quando percebe que não possui mais estas responsabilidades, José Maria se sente perdido, sem um sentido na vida. Diante desta situação, o personagem procura distrações, como uma busca de preencher o vazio interno. O protagonista se torna um observador da cidade e do espaço que o rodeia, algo que antes era ignorado totalmente, o personagem se indaga em certo momento: “Com os trinta e seis anos perdidos na repartição, teria perdido também o dom de viver?” (MACHADO, 1989, p.36). Na tese *Contos da vida burocrática: o funcionário público na narrativa curta de ficção brasileira*, Marco Antonio Rodrigues estuda o personagem José Maria, na sua relação com o serviço burocrático. O pesquisador pontua:

Se muitas são as dúvidas, pelo menos uma certeza parece orientar o personagem nesse momento de transição: a certeza de ter perdido o melhor de sua vida no “ambiente atroz” da repartição ministerial. Sendo o conto de Aníbal Machado dedicado ao amigo Carlos Drummond de Andrade, não seria arbitrário lembrar o pequeno poema deste, citado no primeiro capítulo, e que poderia servir-lhe de epígrafe (“Ó burocratas!/Que ódio vos tenho, e se fosse apenas ódio.../É ainda o sentimento/da vida que perdi sendo um dos vossos”). (RODRIGUES, 2015, p. 127)

Percebemos que todo esse tempo de trabalho e responsabilidade foi totalmente inútil para o personagem. A cerimônia da despedida de José Maria revela todo um esforço em mostrar uma falsa realidade: discursos dos colegas, elogios, flores, telegrama do ministro, e até uma bengala com castão de ouro, um símbolo de elegância. Assemelhando-se a um ritual fúnebre: “Foi só. Estava encerrada a etapa final e maior de sua vida” (MACHADO, 1989, p.37). O personagem usava uma máscara para mostrar um homem sério e responsável. Segundo Lacerda:

José Maria que não consegue mais se dissociar dessa máscara criada devido aos vários anos de trabalho no Ministério. Ele já não se reconhece mais, pois homem e ofício se fundiram em um só. Após a aposentadoria, surge a

necessidade de se livrar daquela máscara e de tudo o que remete ao trabalho desempenhado até aquele momento. (LACERDA, 2013, p. 153).

O que mais chamou atenção do funcionário aposentado não foi a despedida, mas sim o colo da funcionária subordinada Adélia. Este ato fez renascer em sua memória a lembrança de Duília, um amor há muito tempo esquecido pela rotina do trabalho.

O personagem mostra um pouco de inveja em relação ao modo de vida dos outros: “Austero coisa nenhuma: desajeitado apenas, tímido: gostaria de poder fazer o que censurava nos outros.” (MACHADO, 1989, p. 37). Portanto, José Maria vivia moldado por uma sociedade que considerava certas atitudes inadequadas.

O funcionário aposentado ensaia uma tentativa de mudar sua rotina, tenta aproveitar o Rio de Janeiro: “Livre, Estou livre, Namorou vitrinas, tomou café, repetiu o café, tomou chope, foi, voltou, viu, tomou café outra vez, cumprimentou... O tempo não passava. Mais lento ainda do que na Repartição.” (MACHADO, 1989, p.38).

O personagem repete inúmeras vezes que está livre, porém não consegue enxergar sentido nessa liberdade, é algo que ao mesmo tempo o prende. Diante disso, notamos que para José Maria sua rotina se resumia apenas no trabalho. Quando o personagem se vê sem isto, é como se tivessem lhe tirado sua função naquela sociedade. Dessa maneira, o protagonista procura suprir essa falta, buscando no passado a jovem Duília, e assim tenta restabelecer um novo sentido para sua vida.

José Maria se sente confuso, quando percebe que está livre para fazer escolhas nesta nova etapa da vida. É como se tivesse se livrado das amarras, porém, essa liberdade o faz sofrer ainda mais, fazendo-o se tornar alguém solitário diante daquela metrópole.

Segundo Marianne Farias Pereira, em sua pesquisa, *A perturbação existencial da personagem protagonista em Viagem aos seios e Duília, conto de Aníbal Machado*: “O personagem se via desmotivado, perdido no tempo, deixou de considerar a realidade, talvez perdesse o dom de viver” (PEREIRA, 2013, p. 9). O personagem entra em conflito em relação à vida que viveu e à que não viveu. Diante disso, o personagem percebe que não lhe restava nada:

Mais do que nunca, sentiu José Maria naquela noite a solidão na sua casa. Não tinha amigos, não tinha mulher nem amantes. E já lera todos os jornais. Havia o telefone, é verdade. Mas ninguém chamava. Lembrava-se que certa vez, há uns quinze anos, aquela fria coisa, pendurada e morta, se aquecera à voz de uma mulher desconhecida (MACHADO, 1989, p.38).

O trecho citado acima mostra que José Maria possuía um telefone em seu apartamento. E quando o autor nos dá essa informação, percebemos o quanto Zé Maria era bem-sucedido, pois o conto foi publicado pela primeira vez em 1959. Portanto, as companhias telefônicas estavam no início de suas atividades no Brasil e, para obter uma linha telefônica, era necessário pagar um preço bem elevado.

Na década de 60, possuir uma linha telefônica era sinal de pertencer a uma elevada classe social: “O Brasil encontrava-se na metade do século XX entre as nações capitalistas com menor densidade telefônica (1,4 por 100 habitantes)” (PEREIRA FILHO, 2002, p. 35). Portanto, quando Aníbal coloca em seu conto esse fato reforça a ideia de que José Maria possuía uma ótima situação financeira.

O telefone que nunca tocava causava mais tristeza a Zé Maria: “Era um triste aparelho telefônico” (MACHADO, 1989, p.39). Era um aparelho sem sentido. Em um momento de melancolia o personagem adormece e sua mente viaja em direção ao passado, ele busca na memória algo consolador:

Sonhou, sonhou que conversava ao telefone e era a voz da mulher que há quinze anos...Foi andando para o passado...Abriu-se lhe uma cidade de montanha, pontilhada de igrejas. E sempre para trás— tinha então dezesseis anos— ressurgiu lhe a cidadezinha onde encontrara Duília. Aí parou. E Duília lhe repetiu calmamente aquele gesto, o mais louco e gratuito, com que uma moça pode iluminar para sempre a vida de um homem tímido. Acordou com raiva de ter acordado, fechou os olhos para dormir de novo e reatar o fio do sonho que trouxe Duília. (MACHADO, 1989, p. 39).

Por meio deste trecho percebemos a ideia de uma caminhada para o passado, a realização da trajetória de retorno para a cidade do interior por meio dos sonhos. Neste momento, há um certo mistério, pois não é dito qual é o gesto que Duília fez para o jovem José Maria. Saberemos apenas posteriormente que a jovem mostrou a ele os seios em uma procissão na cidadezinha de Pouso Triste. Diante disto, pode-se dizer que há duas histórias sendo contadas ao mesmo tempo: uma da vida de José Maria como funcionário público respeitado no Rio de Janeiro, e uma segunda, um fracasso interior aliado à história de amor com Duília que nunca foi realizada. Segundo Ricardo Piglia:

A versão moderna do conto [...] abandona o final surpreendente e a estrutura fechada; trabalha a tensão entre duas histórias sem nunca resolvê-la. A história secreta é contada de um modo cada vez mais elusivo. O conto clássico à Poe contava uma história anunciando que havia outra; o conto moderno conta duas histórias como se fosse uma só. A teoria do iceberg de Hemingway é a primeira síntese desse processo de transformação: o mais importante nunca se

conta. A história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão. (PIGLIA, 2004, p.91-92)

No decorrer do conto, notamos o personagem tentando se adaptar ao Rio de Janeiro, enquanto isso a imagem de Duília aparece como flashes do passado. Uma segunda história que é contada de forma fragmentada. O personagem vai aos poucos trazendo o seu passado no interior para o presente na cidade grande. José Maria investe em uma forma diferente de vida, e começa a frequentar clubes e bares, mas nada o satisfazia, ele não sabia como se comportar podemos notar na citação a seguir:

Tentou manter conversa, não conseguiu. Parecia-lhe que zombavam dele. Se algumas moças lhe dirigiam a palavra, era como se lhe atirassem esmola. Acabou a noite só e triste agarrado ao seu copo de uísque. Quase nunca provava essa bebida; achava-a até ruim. Como fazia parte do rito social, saiu fazendo uma careta. (MACHADO, 1989, p. 40)

O protagonista por muito tempo ignorou a sociedade à qual no momento se esforçava para fazer parte. Uma falsa aparência de mudança, algo que no final foi totalmente falho. Segundo Lacerda, há uma busca do personagem pelo outro “eu”, como vemos na citação a seguir:

Há uma busca incessante pelo outro "eu" que não se concretiza, apesar das inúmeras tentativas realizadas no decorrer da história. Se literalmente a máscara constitui um objeto que esconde o rosto de alguém, metaforicamente é responsável pela ocultação da verdadeira personalidade de José Maria, questionável por não se saber, ao certo, até onde vai a influência do ambiente de trabalho sobre ele ou o que, de fato, é inerente ao seu próprio modo de ser e de agir. (LACERDA, 2013, p. 153).

Desolado com sua vida, José Maria, revivia cenas do passado, um amor de sua juventude, na tentativa de sentir um conforto de um passado luminoso. O passado para o personagem torna-se um refúgio:

Passou a praticar com mais assiduidade a janela. Quanto mais o fazia, mais as colinas da outra margem lhe recordavam a presença corporal da moça. Às vezes chegava a dormir com a sensação de ter deixado a cabeça pousada no colo dela. As colinas se transformavam em seios de Duília. (MACHADO, 1989, p.41).

Neste trecho, notamos algo recorrente no personagem, isto é, o fato de ficar horas observando pela janela o mundo lá fora. Portanto, a janela serve como uma metáfora, nos revela

duas realidades presentes no conto por assim dizer: para fora da janela uma lembrança eterna de Duília e um passado ainda esperançoso, aproximado ao onírico. Já para dentro a vida sem sentido do funcionário aposentado. Uma oposição que se mostra através do momento na janela. Esta metáfora é bem recorrente na literatura. Tomemos como exemplo o poema em prosa, *As janelas*, de Charles Baudelaire:

Quem olha, de fora, através de uma janela aberta, não vê jamais tantas coisas quanto quem olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais deslumbrante do que uma janela iluminada por uma vela. O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa atrás de uma vidraça. Nesse buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida. Além das vagas do teto, percebo uma mulher madura, enrugada mesmo, pobre, sempre inclinada sobre qualquer coisa e que nunca sai de casa. Por seu rosto, por seus vestidos, por seus gestos, por quase nada eu refaço a história dessa mulher, ou antes, sua legenda e, às vezes conto a mim mesmo, chorando, essa história. Se tivesse sido um pobre velho, eu, também, refaria a dele, facilmente. E me deito orgulhoso de ter vivido e sofrido nos outros como se fosse em mim mesmo. Talvez vocês me dirão: “Estás certo de que esta fábula seja verdadeira?” Que importa o que possa ser a realidade situada fora de mim, se ela me ajuda a viver, a sentir que existo e o que sou? (BAUDELAIRE, 2006, p. 211)

Apesar de que o eu-lírico de Baudelaire estar do lado de fora da janela, diferentemente de José Maria, o ato olhar através de uma janela e imaginar uma realidade diferente é compartilhada tanto por José Maria como pelo eu-lírico do poema. Encarando janelas fechadas iluminadas por uma vela, o eu-lírico no texto de Baudelaire imagina o mistério que tem por detrás das vidraças iluminadas e esse ato o faz suportar o fardo de viver. Já José Maria faz o papel contrário, olhando através da janela de seu apartamento se torna apenas um observador da vida sem fazer parte dela, chegando a projetar na paisagem do Rio de Janeiro o corpo de Duília, através disso o personagem encontra um pequeno consolo.

Projetava em sua subordinada da repartição, Adélia, os seios de Duília: “Era o afloramento súbito da namorada, seus seios reluzindo na memória como duas gemas no fundo d’água. Só agora dava conta de que, sem querer, transferia para Adélia a imagem remota.” (MACHADO, 1989, p.42).

É importante ressaltar o que já foi apontado por Proença, isto é, há um jogo de luz no conto. Notamos que tudo relacionado à Duília é aproximado a algo luminoso. Durante o conto constatamos vários termos que reforçam esta ideia: “reluzindo na memória”, “iluminar para sempre a vida”, “fonte de claridade”, portanto, para o personagem a amada se torna uma luz ao final da jornada. Um passado iluminado pela presença de Duília em contraste com um presente escuro, assombrado pela solidão. Segundo Proença:

Quando dissemos a “luminosa” viagem aos seios de Duília, tínhamos em pensamento a acumulação de imagens relativas à luz, nas mais variadas modalidades, desde o “pálido” na penumbra, até o farol dos automóveis dentro da madrugada. Pois, em termo de luz e seus opostos (escuridão, trevas, noite) se estrutura o conto que poderia chamar-se “em busca da adolescência perdida”. (PROENÇA, 1989, p.xxvi)

Duília havia dominado os pensamentos de José Maria, e quanto mais pensava na jovem mais sentia que o Rio de Janeiro não era mais o seu lugar:

Da velha cidade que restava? Onde o Rio de outrora? As casas rentes ao solo os pregões, o peixeiro a porta? A cada arranha-céu que subia – eles sobem a todo momento – a cidade calma de José Maria ia-se desmanchando. Sentiu que sobrava. Impossível reatar relações com uma cidade irreconhecível. (MACHADO, 1989, p.42)

Podemos notar, então, que o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro causou ao personagem um estranhamento do lugar. De tanto focar apenas no trabalho, José Maria esqueceu a cidade que o rodeava e quando se viu sem uma função, percebeu, o quanto a espaço havia mudado

A cidade a qual José Maria encontrou quando se mudou do interior de Minas Gerais não era mais a mesma. Rosana Moraes Weg, em sua dissertação *Caos e catástrofe na obra de Aníbal Machado*, afirma que: “Fatos marcantes provocam o desequilíbrio na vida do protagonista. A vinda para o Rio de Janeiro, a aposentadoria e a volta para Pouso Triste” (WEG, 1997, p.72).

José Maria percebe que não encontrará no Rio de Janeiro um novo sentido para sua vida. Então, embarca em uma viagem de retorno para a pequena cidade no interior, buscando reencontrar Duília e na esperança de reaprender a viver. De acordo com Antonio Dimas: “José Maria abandona um espaço importante e agitado, cuja beleza natural vem sendo encarecida desde os tempos da colonização.” (DIMAS, 1985, p. 70).

O personagem percebe que ninguém notaria sua ausência. José Maria imaginava em refazer o mesmo caminho de 40 anos atrás e se decepciona ao perceber como as coisas mudaram: “Estranhou o apito fanhoso da Diesel à hora da partida. Voz sem autoridade, mais mugido que apito. Tão diferente do grito lírico da locomotiva que há mais de quarenta anos o trouxera do interior. Entristeceu.” (MACHADO, 1989, p. 43)

A viagem até Pouso Triste era difícil. Uma trajetória de vários dias. Em relação ao trabalho de criação da trajetória que José Maria realiza Dimas pontua:

Na época de publicação dessa novela em livro, em 1959, Aníbal Machado confidenciaria a Eneida, sua amiga e secretária eventual, que o trajeto de José Maria lhe dera muito trabalho. Segundo a cronista e confidente, Aníbal “consultou demoradamente o mapa de Minas Gerais, ouviu mineiros que conheciam o trajeto, descobriu que um de seus parentes fizera aquela viagem. Foi a Belo Horizonte falar com o parente. No entanto esse andaime geográfico recobre-se de sutilezas que servem para reforçar o caráter ilusório de uma promessa dúplice não cumprida: a do leitor que espera uma narrativa e viagem com tintura erótica ou não; a do personagem José Maria que se descola do espaço com a esperança, dolorosamente inútil, de recuperar o tempo perdido. (DIMAS, 1985, p.59)

Notamos que Aníbal teve um trabalho especial no que diz respeito ao espaço do conto e a viagem de volta nos revela aos poucos aspectos que vão agindo sobre o personagem. Segundo Teixeira, “Em todo caso a paisagem importa no sentido estabelecido por Aníbal Machado: o da compreensão psicológica do personagem que precisa atravessar grande distância para alcançar Duília transfigurada do seu passado” (TEIXEIRA, 2001, p. 202).

Quando José Maria chega a Pouso Triste as decepções começam. Não havia uma cidade de verdade e sim um lugar mais deserto do que era quando saiu para o Rio de Janeiro. “Olhou constrangido. Era então aquilo!... e a cidade? Trazia na memória uma cidade: Surgiu-lhe um arraial... Pobre e inaceitável burgo, todo triste e molhado da chuva...” (MACHADO, 1989, p. 50). Segundo Lacerda:

Quando José Maria vai sozinho morar na cidade grande há uma perspectiva de melhorar sua vida, já que existe, nesse espaço, a possibilidade de um crescimento profissional em detrimento de uma cidade pequena onde as ofertas de emprego são mais restritas. Além disso, morar sozinho poderia ter proporcionado seu amadurecimento pessoal [...] quando se aposenta há uma segunda chance de viver a vida plenamente, mas o protagonista não consegue se adaptar ao meio que se apresenta, levando-o a buscar alumbrado as suas raízes perdidas há muito tempo. (LACERDA, 2013, p.178)

Era um lugar cheio de memórias. A sombra da árvore que presenciou aquela cena inesquecível para José Maria continuava ali. Porém, a sensação era outra: “Fixou a árvore. Era a mesma... Pelo menos aquilo sobrevivera. Saiu para vê-la de perto, deixou-se ficar debaixo de seus ganhos. Reviveu a cena inesquecível... Mas não encontrou o mesmo sabor. A árvore parecia indiferente” (MACHADO, 1989, p. 50).

Tinha a esperança de sentir de novo a mesma sensação do dia que Duília em uma procissão mostrara seus seios para o jovem. Vale pontuar a relação que Teixeira faz entre o conto e a história “Omelete de Amoras” de Walter Benjamin. Sobre a busca pelo passado do personagem Teixeira afirma:

[...] Não é possível a José Maria provar da mesma “luz subjetiva”, sentir o mesmo sabor que exala seu passado. A infelicidade deste está em buscar a qualquer preço a imagem que lhe iluminou a vida até se deparar com o colo murcho de dona Dudu. (TEIXEIRA, 2011, p. 217).

José Maria deposita suas últimas esperanças no reencontro com Duília. Ele esperava reencontrá-la exatamente igual à lembrança que tinha. Como se ignorasse a ação do tempo. Nega-se a acreditar que a aparência da moça mudou. Vemos no trecho a seguir o encontro de Duília e Zé Maria:

O viajante bateu apeou-se bateu à porta. Uma senhora, muito pálida, veio atendê-lo em chinelos.
— Eu quero falar com Duília... Dona Duília... Corrigiu.
A senhora fê-lo entrar e sentar-se. Pediu licença, deixou a sala.
Momentos depois, voltou mais arrumada. Seus cabelos eram grisalhos, a voz meio rouca, o sorriso agradável, apesar dos dentes cariados. Ainda não tinha sessenta anos, e aparentava mais. (MACHADO, 1989, p. 52)

O autor coloca Duília muito mais velha do que José Maria, como se o tempo, portanto, passasse mais depressa na cidadezinha. Com isso, a frustração do personagem é ainda maior: “José Maria sentiu como que uma pancada na nuca. Baixou as pálpebras, confuso. A professora ficou esperando que ele se identificasse. Notou-lhe a fisionomia alterada, um começo de vertigem” (MACHADO, 1989, p. 52). Uma viagem longa ao encontro de algo que o tempo já havia consumido:

José Maria suspirou fundo. Aquela mulher, flor de poesia, era agora aquilo! Fantasma da outra, ruína de Duília, Dona Duília, Dudu!
A mulher interrompeu a longa pausa:
— Tudo aqui envelheceu tanto! Disse, erguendo a cabeça. Que veio fazer neste fim de mundo, seu José Maria?
Ouvindo-a por sua vez pronunciar lhe o nome, sentiu-se José Maria menos distante dela. Parecia que davam juntos o mesmo salto no tempo.
— Vim à procura do meu passado, respondeu.
— Viajar tão longe para se encontrar com uma sombra! E volvendo-se para si mesma: — Veja a que fiquei reduzida.
José Maria pousou o olhar no colo murcho, local do memorável acontecimento. (MACHADO, 1989, p. 53).

José Maria percebe que é tarde demais. Demorou a retornar atrás de seu amor. Segundo Teixeira:

A grande questão é que na medida em que o viajante avança no território de seu passado vai também acreditando que será possível não só lembrar os momentos da adolescência, mas reencontrar um passado inalterável no qual Duília não envelheceu e tudo pode ser retomado. (TEIXEIRA, 2011, p. 215)

O personagem chora ao perceber sua decepção, despertando em Duília um sentimento de compaixão: “Por longo tempo, as duas mãos enrugadas se aqueceram uma na outra. Mudos, transidos de emoção. Ambos cerraram os olhos. Duas sombras dentro da sala triste...” (MACHADO, 1989, p. 55).

O choro do personagem revela o choque com a realidade, segundo Mariane Farias Pereira, a viagem de José Maria parte de um devaneio: “Tornou existente aquilo que não existia antes, um duelo entre a realidade e o sonho, ou seja, o concreto e o imaginário do personagem José Maria; um mundo que se forma a partir de um devaneio” (PEREIRA, 2013, p.17).

E quando encara a realidade dos fatos o personagem some na escuridão. Novamente Aníbal se utiliza da luz/sombra para retratar a tristeza do personagem. José Maria não encontrou a luz que procurava no passado e ao contrário encontrou mais escuridão. Diante desta ironia o personagem foge e se entrega à escuridão, ficando incerto o que aconteceu com o protagonista. Outro ponto importante é a forma que o conto se encerra, segundo Teixeira:

A fuga pode ser aproximada aos filmes de Charles Chaplin, pelo seu aspecto cômico e contraditório. Enquanto José Maria reencontra Duília no interior da casa, a população, do lado de fora, teme pelo pior e prepara uma perseguição. Ser tomado como contraventor e fugir da amada envelhecida talvez seja um final merecedor do anti-herói, que foi em busca do seu amor no tempo errado. (TEIXEIRA, 2011, p. 216)

O personagem falha em sua busca por um novo sentido de vida. A mudança da cidade pequena para a metrópole causou a degradação do personagem. O desfecho de José Maria é trágico. Por anos viveu no Rio de Janeiro dedicando-se ao trabalho, acumulando capital, porém nesse trajeto esqueceu de viver a vida.

O personagem fracassa duas vezes, na sua estadia na cidade grande e na sua viagem para o passado. A cidade por muitas vezes possui um status mais elevado em relação ao interior. Contudo, o Rio de Janeiro tornou-se algo negativo para o personagem. De acordo com Williams: “Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição” (WILLIAMS, 2011, p.11).

Enquanto o personagem possuía sua rotina de trabalho não percebia o quanto a cidade poderia ser um tormento, quando lhe sobra tempo e o personagem tenta aproveitar a cidade não há mais como, a cidade está em constante transformação, quanto mais a cidade cresce, mais o personagem se sente alheio àquele processo de modernização.

José Maria é o único que consegue de fato uma mudança financeira e social. Possuía um bom emprego, casa própria, empregada, além de ser respeitado socialmente. De fato, ele

conseguiu lidar com as leis do capitalismo fortemente presente na cidade grande. Neste ponto, José Maria alcança sucesso. Contudo, o fracasso do personagem está no âmbito das relações pessoais, o protagonista é sujeito solitário, não possui família nem amores. Nesse sentido, a viagem de retorno para a cidadezinha interiorana e a negação da cidade grande é, portanto, uma reação à decepção causada por uma vida voltada apenas para o trabalho. Em contraste com o desfecho de José Maria temos o personagem João Ataxerxes, que será analisado no próximo capítulo, o qual ignora a possibilidade de trabalhar, uma vez que espera mudar de vida de uma forma rápida e fácil.

2. “O TELEGRAMA DE ATAXERXES”

No conto “O telegrama de Ataxerxes” temos o personagem João Ataxerxes mudando do interior provinciano para a cidade do Rio de Janeiro, assemelhando-se ao personagem do conto “Viagem aos Seios de Duília”. Em uma noite, ele se lembra de que o presidente do Brasil foi seu colega de infância. Com isso, o personagem vê uma oportunidade de melhorar de vida através dessa suposta amizade.

Assim, resolve embarcar em uma viagem para o Rio de Janeiro. Vemos no trecho a seguir sua felicidade ao dar a notícia para sua esposa:

— Escuta, Esmeralda, escuta... Nossa vida vai mudar. Olha para mim... E prosseguiu, enfático: — Acabo de descobrir que o Chefe da Nação foi meu colega! Colega de colégio. Estamos feitos na vida. Era Zito o apelido dele. Meu Deus, como é que só agora pude me lembrar! Deixa eu te abraçar... Iremos para o Rio. Vamos viver agora. (MACHADO, 1989, p.133)

Apesar de ter passado um longo período da sua vida no pequeno sítio. Ataxerxes afirma para sua esposa que só agora poderia viver de verdade. Portanto, a mudança de espaço, do interior para a cidade grande, influencia a visão de mundo do personagem e suas concepções sobre o que é viver e onde estaria essa vida a ser vivida. De acordo com Lacerda:

Ataxerxes, assim como milhares de outros migrantes, sobretudo pequenos agricultores, sonham em morar em uma cidade grande que viabilize melhor qualidade de vida ou ascensão social. Sob essa ótica, o sítio aparece como um espaço estagnado e com poucos recursos para a personagem, já que a sua vida efetivamente começaria em um espaço mais moderno, onde se dispõe de uma série de bens e serviços de qualidade, ainda mais sendo a capital federal. (LACERDA, 2013, p.122).

Para o personagem, a mudança do campo para a capital federal seria uma oportunidade única. Antes mesmo de chegar ao Rio de Janeiro o personagem já planejava o envio de um telegrama para o suposto colega de infância informando da sua chegada. Ele pensava que seria recebido de uma forma especial, ignorando o fato de que seu colega Zito era a autoridade mais importante do país.

Durante a viagem, Juanita, filha de Ataxerxes, fica admirada com a nova paisagem. No trecho a seguir vemos lenta mudança de espaço:

À noite, já o expresso deslizava entre praças e ruas iluminadas. Cruzava outros trens, apitava. Esmeralda assustando-se com o estrépito louco nos viadutos e pontilhões. Juanita observava tudo com avidez. Desde que entrara no carro até

àquela hora, não deixara um instante de acompanhar as mutações da paisagem, o pitoresco das estações e lugarejos. Intimamente foi-se fazendo amiga do trem que a conduzia. Um sonho tudo aquilo. (MACHADO, 1989, p.133).

O personagem se comove ao ver a cidade, “A grande metrópole vai aparecendo grandiosa e feia. Nela, o trono de Zito” (MACHADO, 1989, p.134). Ataxerxes tinha uma visão deturpada a respeito da política, pois equiparava o chefe da nação a um rei, e pensava que todos na cidade estavam submetidos a esse poder absoluto: “A cidade sorri pelas miríades de janelas de seu casario acesso. Faróis, anúncios luminosos. Dali o Chefe da Nação irradiava o seu poder, mandava e desmandava.” (MACHADO, 1989, p.134). João Ataxerxes pode ser visto como um exemplo do “homem cordial” abordado por Sergio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil*. Resultado de uma sociedade patriarcal, na qual o interesse familiar e a ligação sanguínea sobrepassa a racionalidade, segundo o crítico:

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vasta áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje. (HOLANDA, 2014, p. 174).

Os indivíduos pertencentes à sociedade patriarcal predominante da área rural, ao entrarem em contato com essa mudança social, carregam esta característica ainda forte. Quando o homem cordial entra em contato com o meio político não consegue distinguir o interesse privado do público. Assim, acaba por privilegiar pessoas mais íntimas ou familiares. Esta forma de ver a estrutura social é compartilhada por Ataxerxes, que durante o conto tenta construir uma intimidade com o presidente com a intenção de um apadrinhamento. Segundo Holanda: “A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade.” (HOLANDA, 2014, p.178).

Outro ponto ressaltado pelo crítico é na linguagem, a utilização de diminutivos em excesso para reafirmar essa ideia de intimidade. Podemos notar este processo no personagem que, ao se referir ao presidente, utiliza-se de um apelido “Zito”. Portanto, não sabemos o verdadeiro nome do presidente. Com isso, temos através da linguagem esta ideia de intimidade reforçada, e Ataxerxes tem ciência desta utilização.

A ideia de homem cordial é refletida nos donos da pensão na qual o personagem se hospeda com a família. Os proprietários ao perceberem que hospedaram um “amigo” do

presidente, imaginam que seria o suficiente para conseguirem um empréstimo da Caixa Econômica:

Sonhavam os donos da pensão com um empréstimo na Caixa Econômica. Não era apenas o interesse material de transformarem a Estrela do Norte num luxuoso hotel com elevadores e jardim de inverno; era sobretudo por questão de capricho [...] para isso, seria necessário fazer um empréstimo. Ataxerxes caíra-lhe do céu: com o prestígio de íntimo do Presidente, seria fácil o negócio. (MACHADO, 1989, p.139)

Enquanto Ataxerxes se preocupava em como avisar o presidente de sua chegada. Esmeralda pensava no sítio deixado para trás. Juanita, filha de Ataxerxes, é a personagem mais animada em relação à mudança, pois não se preocupava em melhorar de vida, e sim em aproveitar o que a cidade tinha a oferecer:

À janela da pensão Estrela do Norte, onde se instalaram, Juanita ficou até altas horas a contemplar a metrópole. Como começar? A que apelos atender, em que mistérios se iniciar? Mas onde estaria a cidade? Ali é apenas um trecho lívido e deserto de quarteirão, escondendo o crime, escondendo o amor (MACHADO, 1989, p. 134).

Juanita começa a ter devaneios a respeito da metrópole. Sentia uma vontade de se jogar e descobrir todos os segredos escondidos naqueles inúmeros quarteirões. Um ambiente completamente diferente do sítio do qual saiu. Um ponto interessante é o fato da pensão se chamar Estrela do Norte. Uma referência à direção certa a se seguir quando se está perdido. E Ataxerxes quando chega ao Rio de Janeiro se sente desorientado.

João Ataxerxes se dedica por inteiro em elaborar um telegrama para o presidente, o que por sua vez, torna-se uma tarefa árdua: “O telegrama capital de sua vida. Já o vinha concebendo desde a noite da revelação, no sítio de Pedra Branca.” (MACHADO, 1989, p.136). A responsabilidade de enviar um bom telegrama, acaba por assombrar Ataxerxes, isto é, o medo excessivo de não obter sucesso na sua tarefa causa ao personagem um sofrimento contínuo.

Ataxerxes aproveita o jantar na pensão em que está hospedado para contar algumas histórias sobre a infância do presidente. Com isso, inúmeras pessoas começam a olhar para Ataxerxes como um amigo muito íntimo do chefe da nação. E essa posição ostentada pelo personagem lhe garante algumas regalias. Mas, todos viam em Ataxerxes apenas uma forma de tirar vantagem.

A cidade do Rio de Janeiro que João Ataxerxes visitara outrora estava completamente diferente: “Acompanhando a mulher e a filha, saiu a passear pelas ruas iluminadas. Havia muitos anos que não via o Rio. Esmeralda e Juanita era a primeira vez. Ataxerxes foi lhe

explicando as transformações da Capital. Estava muito diferente.” (MACHADO, 1989, 138). João Ataxerxes viu aquela metrópole e sentiu uma vontade imensa de fazer parte daquela vida agitada. Ser um homem da cidade grande e não alguém do interior: “Sentiu uma ânsia de incorporar-se imediatamente à cidade, ser alguém naquele turbilhão” (MACHADO, 1989, p.138).

Ataxerxes tinha dificuldades em transpor no telegrama tudo o que pensa. Vemos no trecho a seguir o sofrimento do personagem:

Ataxerxes, apoiado o cotovelo na mesa da sala de espera, a mão na testa, não queria ser interrompido no momento. Seu telegrama já devia ter seguido e ainda estava em elaboração, o papel todo riscado. Era penosa a procura de alguns adjetivos; os advérbios chegavam com dificuldade, as frases não se articulavam direito. O telegrama precisava ser redigido de forma a produzir efeito fulminante na alma do Presidente. (MACHADO, 1989, p. 139).

O telegrama deveria ser eficaz e persuadir o presidente. Mas, Ataxerxes sente-se incapaz de tal dom. O personagem acaba perdendo uma parte importante do seu telegrama, e teme que alguém possa ler e tomar o seu lugar no reinado de Zito. O personagem entra em devaneios. Esmeralda notando o sofrimento de Ataxerxes tenta convencer o marido a voltar para o sítio. “— Xerxes, estamos velhos demais para recomeçar a vida. Vamos voltar, vamos!” (MACHADO, 1989, p.141). A personagem Esmeralda se mostra a mais sensata em relação ao esposo e à filha. Ataxerxes vai sendo levado pela vida no Rio de Janeiro, ignorando os conselhos da esposa. Segundo Lacerda (2013):

Enquanto que para umas pessoas o deslocamento espacial pode gerar mudanças positivas tanto exteriores quanto interiores, já que elas tendem a adquirir novas experiências, para outras essa mudança de espaço provoca efeitos contrários e, às vezes, difíceis de ser revertidos como acontece com a família de Ataxerxes, cuja experiência cidadina é desagregadora, pondo em evidência a fragilidade da relação familiar. (LACERDA, 2013, p. 129).

O personagem sofre uma transformação chegando a não reconhecer a própria esposa e a ignorar sua beleza. A cidade grande havia cegado o personagem: “Meses assim viveu Ataxerxes à sombra do telegrama, esperando resposta. Tê-lo-ia passado?... A dúvida inesperada fez refluir-lhe o sangue ao rosto. Sensação aflitiva de quem esquece o próprio nome ou o ano em que vive” (MACHADO, 1989, p.142). A dúvida do envio do telegrama invade os pensamentos do personagem de uma forma que o perturba.

Ataxerxes não pertencia àquela sociedade noturna do Rio. Era um homem deslocado. Não entendia o comportamento daqueles homens importantes: “Como é complexa a alma de

um homem de negócios! Aqueles olhos ávidos, aquele nariz de quem fareja petróleo no ar...” (MACHADO, 1989, p.144).

O prestígio de João Ataxerxes começa a se desfazer aos poucos, as pessoas começam a desconfiar se essa amizade realmente existe. Como vemos no trecho a seguir:

Ataxerxes admirava essa raça de homens brilhantes e cruéis. Mesmo na pensão, sua importância caiu. Zamboni, porém, incitava-o a agir, a procurar o Presidente. Não tanto agora pelo empréstimo em perspectiva, mas para saldar a dívida. Mais três meses de espera, e nenhuma resposta do Palácio. (MACHADO, 1989, p. 147).

A filha de Ataxerxes é indiferente ao sofrimento do pai vivendo intensamente na cidade grande: “Juanita subia e descia as escadas dançando, alheia àquele drama” (MACHADO, 1989, p.148). Esmeralda, percebendo o fracasso do esposo tenta convencê-lo a voltar: “Xerxes, não é melhor desistirmos?... Quem liga pra nós nesta cidade? É só esse calor, barulheira... é fila pra tudo.” (MACHADO, 1989, p.149). No trecho podemos notar a inadaptação em relação à cidade grande. Esmeralda, tenta mostrar para o esposo que viver no sítio era melhor, e sugere um retorno. Porém, Ataxerxes pensa apenas no telegrama. De acordo com Lacerda:

Esmeralda, diferentemente do marido e da filha, não se encanta com o espaço da cidade, pelo contrário, para ela, é um lugar onde o barulho, a pressa para se fazer algo e a agitação são sinônimos de tormento. Ela procura se lembrar do sítio que, sob seu olhar, é uma espécie de paraíso, pois é na calmaria desse espaço que se encontram não apenas os seus pertences, mas também onde se sente útil em contato direto com a terra, tendo certeza do que pode esperar do dia de amanhã. Em posição contrária está o marido que, além de querer esquecer onde viveu grande parte de sua vida, busca, conscientemente ou não, afastá-la do sítio, tentando fazer com que Esmeralda veja a cidade com o mesmo entusiasmo e paixão que ele - movido pelo sonho de mudança e de melhoria de suas condições econômicas e de status social. (LACERDA, 2013, p.136)

A realidade e o sonho entram em conflito na mente de Ataxerxes, a dúvida constante do envio do telegrama, ora se torna certeza de envio ora não. Assim, o personagem passa de um estado de aflição para uma completa negação, evitando mencionar o assunto até para sua esposa:

Que é da resposta ao telegrama, Xerxes?!....
O marido não respondeu. Esmeralda continuava a queixa: O nosso sítio está hipotecado; nem sabemos como anda aquilo lá. Por que não voltarmos? A terra é sempre mais fiel. Volvia de novo ao espírito de Ataxerxes a questão do telegrama. Um mistério, aquilo! Ultimamente, durante a noite, convencia-se de que o havia mandado; ao amanhecer, acordava com a dúvida horrível. Em seu espírito tudo passava facilmente do real para o imaginário, do sonho para

a realidade. Às vezes não tinha certeza de que estava casado e, casado, se era Esmeralda sua mulher. E Juanita? Quantas vezes, ao vê-la, experimentava um choque. (MACHADO, 1989, p.148)

Esmeralda se mostra ligada ao sítio, atribuindo à terra uma característica humana, “a terra é sempre mais fiel”, revelando sua preocupação em relação ao abandono do sítio. Ataxerxes mostra uma indiferença ao sofrimento da mulher. Cansado de esperar o personagem resolve ir pessoalmente ao palácio de Zito. Porém, várias tentativas sem sucesso, lhe rendeu inclusive um apelido entre os funcionários. Ataxerxes era o *esfria*, não desistia de esperar pelo presidente. O protagonista começa enxergar Zito como um ser inalcançável: “um astro que brilha de longe” (MACHADO, 1989, p.153).

O personagem ignora a perda do sítio e a morte de sua esposa: “Para Ataxerxes, importava menos perder as suas terras do que abrir caminho até o presidente” (MACHADO, 1989, p.153). Juanita sente como se o sítio viesse dizer um adeus, a menina relembra a beleza que o lugar possuía. Como se fossem apenas um só, mãe e sítio, se despedem: “Juanita entrou pálida, parou ante o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades. Ataxerxes, ele nem sabe que você existe... que nós existimos... e foi perdendo o fôlego.” (MACHADO, 1989, p.154).

O sítio e Esmeralda são perdidos ao mesmo tempo, o que nos mostra, uma forte ligação entre o campo e a esposa: “Foi-se assim a fazenda, e foi-se a mulher de Ataxerxes” (MACHADO, 1989, p. 154). Através deste trecho podemos notar como se a esposa fosse a representação do campo. Ataxerxes não percebe que perdeu o sítio, e que não está ganhando nada na cidade. O personagem entra em decadência, muda-se para um pequeno quarto, andava na rua bêbado, bem distante do homem que foi um dia, as pessoas ainda o associavam a figura do presidente:

[...] Ao cair da tarde, Ataxerxes passava meio bêbado. Com o tempo, os moradores da rua vieram a saber que aquele bêbado era pessoa da estima do presidente. Se anda desleixado, quase maltrapilho, era porque fizera voto de humildade. Tratava-se de um excêntrico [...]. (MACHADO, 1989, p.156)

Ataxerxes acreditava que o presidente era impedido de ver amigos íntimos, além disso, depois de tanto tempo, apenas um sinal de amizade vindo do chefe da nação já seria o suficiente: “Já não pretendia nenhum lugar, contentava-se apenas em receber um abraço dele.” (MACHADO, 1989, p. 157).

No ápice da loucura Ataxerxes resolve invadir, com ajuda do italiano Zamboni, a casa do presidente na esperança de que Zito o reconheça, mas a tentativa resulta em sua morte.

Nem o fato da morte de Ataxerxes chegou a conhecimento do chefe da nação. Os pertences de morto são entregues para a filha Juanita, e entre inúmeros objetos está o telegrama: “Abriu duas folhas manchadas de gordura e suor: o telegrama. Leu-o demoradamente. Suas narinas palpitavam” (MACHADO, 1989. p. 158.). O telegrama agora servia para Juanita recordar-se de pai e de sua mãe.

Portanto, a mudança do campo para a cidade grande na tentativa de uma vida melhor para Ataxerxes foi totalmente falha. O personagem foi perdendo tudo aos poucos, restando apenas o telegrama. A tentativa de alcançar uma vida diferente foi em vão. O que causa ao leitor um pouco de esperança por um desfecho a favor do personagem. Contudo, vem a frustração com sua morte. A mudança do campo para a cidade grande aliado à ganância acaba por causar a ruína do personagem. A ambição presente em Ataxerxes é completamente ausente em João Ternura que será analisado no próximo capítulo. O protagonista do romance é sujeito sem pretensões de mudar de vida. Desse modo, Ternura é afetado de uma forma diferente por essa transição do interior para a cidade grande.

3. *JOÃO TERNURA*

Para a análise do romance *João Ternura* é pertinente uma breve discussão a respeito do processo de criação dessa obra. O livro levou um longo período de produção, sendo publicado postumamente em 1965. O romance era muito aguardado pelo meio literário. Aníbal publicava trechos do livro: “Assim, o personagem João Ternura começou a viver antes mesmo que o livro tivesse sido publicado” (TEIXEIRA, 2005, p. 12). Com a demora na publicação o romance ganhou um caráter mitológico. Segundo Rodolfo Alonso:

O livro que era em realidade ele próprio, que chegou a converter-se em quase mitológico antes mesmo de ser impresso, o livro que era uma pessoa e que só foi publicado após sua morte, sua casa de portas abertas, seu coração de portas abertas, mais sua ironia benevolente e seu agudo senso da liberdade e da justiça, o converteram em um paradigma vivo. (ALONSO, 1984, p. 44-45).

Com a publicação do romance, a semelhança entre obra e autor ficou em evidência por alguns aspectos. Segundo o crítico Renard Perez:

Às recordações de sua infância em Sabará, captadas numa aura surrealista e que dão a primeira motivação da obra, vai o escritor acrescentando episódios que lhe são trazidos pela vida afora e lhe marcam a sensibilidade: se encontro com o Rio, a descoberta do carnaval, sua integração progressiva no elemento íntimo da cidade. (PEREZ, 1965, p. xxiii)

Evidentemente, há fatos no romance que nos direcionam para a vida do autor. Contudo, não se trata de um livro de memórias. De acordo com Teixeira:

O que temos considerado aqui como união entre personagens e escritor ou uma mistura de elementos autobiográficos e de ficção não deve, entretanto, ser confundido com memórias ou mesmo com autobiografia, gêneros que se prendem à questão de identidade. (TEIXEIRA, 2005, p. 19).

Outro ponto interessante que deve ser levado em conta ao analisar esta obra é o que o crítico Antonio Candido afirma sobre externo e interno dentro da obra. Em seu livro *Literatura e Sociedade*, o crítico ressalta que durante a análise da obra é necessário compreender o externo como elemento constitutivo da narrativa:

Só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que

desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interna*. [...] lembrando que o tratamento do *externo* dos fatores *externos* pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento, cabe-lhe por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatísticas de um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, econômica e política, etc. (CANDIDO, 2000, p.6)

Seguindo a análise do romance, o personagem João Ternura passa sua infância no sítio de seus pais no interior de Minas Gerais.³ A natureza presente no campo era explorada pelo personagem através de suas aventuras. Portanto, a infância de João Ternura é marcada por esse espaço presente nas propriedades rurais. Há um forte contato com a natureza.

Ternura em sua infância presencia o nascimento e o desenvolvimento da cidade próxima ao sítio. Era uma grande novidade. O personagem se posiciona de longe como um expectador do desenvolvimento. Vemos no trecho a seguir:

— Adivinha, Isaac. O que é que está debaixo daqueles toldos, lá. Olha o trem passando. Você tá pensando que é boi, não é? Ou algum quiosque? Pois é caminhão, bobo. E aqueles sacos escuros que estão na frente? Adivinha... É um montão de padres, bobo. Tudo pra cidade que está nascendo atrás daquele morro. (MACHADO, 2004, p.93)

O nascimento da cidade causou a falência do sítio. Os negócios do pai de Ternura estavam prejudicados. Com isso, todos da família, principalmente sua mãe Liberata, se preocupavam com o futuro incerto do menino João Ternura. Desde sua infância a cidade já causa efeitos no personagem. Por ser ainda pequeno Ternura não entende o que a palavra falência significava nem as suas consequências:

Ontem ela [mãe] e o papai me explicaram mais ou menos o que estava acontecendo, dizendo que era falência e não falêça. Eu não entendi bem, mas acho que mamãe não precisava chorar tanto quando me ensinou a palavra certa. (MACHADO, 2004, p.95)

O transporte de mercadorias através das barcas do pai de Ternura fora substituído pelas locomotivas. Não havia esperanças para uma melhora dos negócios. Com isso, a mudança de Ternura para o Rio de Janeiro se tornou inevitável.

3 As semelhanças biográficas do romance não serão analisadas por não se tratar do objetivo da pesquisa. Porém indicamos a dissertação de mestrado de Marcos Vinícius Teixeira (2015), *João Ternura: Romance de uma vida*, em particular o capítulo “Infância à Beira-Rio” por fazer uma minuciosa análise dos fatos semelhantes entre obra e autor.

Porém, o personagem João Ternura diferencia-se de José Maria e João Ataxerxes. Ternura não possuía nenhuma pretensão em melhorar de vida ao mudar para o Rio: “Do alto da serra divisou a cidade grande. Parou extasiado. E teve medo. Os olhos encheram-se de lágrimas.” (MACHADO, 2004, p.103).

Ternura andava pela cidade, com suas cartas de recomendações nos bolsos, perdido e sem rumo. Era um espaço totalmente diferente do que vivia. A mudança do campo para a cidade grande faz o personagem se sentir um estranho: “Não era convidado, sentia-se estranho. Entrou como penetra. Insônia, Turbilhão” (MACHADO, 2004, p.103). João Ternura faz sua primeira investida na cidade grande, buscava uma forma de se misturar, fazer parte daquele novo lugar. Contudo, o Rio de Janeiro o recebe de uma forma dura:

Sentara-se junto à janela. Ainda inseguro de si. A primeira vez que entrava num bar. Pediu um chope. [...] levantou a cortina. Passava gente. A cidade funcionando. Seria mais um, mais alguém no mecanismo dela. [...] A mulher servia aos fregueses um sorriso geral e fixo. Ternura começava também a sorrir pra ela quando recebeu um soco. Balançou e rolou no chão. Ao acordar não sabia se soco viera de fora, pela janela, ou do homem que olhava com raiva. [...] Saiu a preambular. Agora já sem o relógio e sem o pouco dinheiro que trazia. [...] foi sentar-se num banco de jardim. Achou a cidade amarga. [...] A memória veio socorrê-lo com a imagem de um rio e bois pastando nas margens. Consolo provisório. A bofetada doía. (MACHADO, 2004, p.104-105)

A cena do soco mostra a dificuldade que o personagem sofrerá para fazer parte daquele novo espaço. As memórias relacionadas ao campo servem para acalmar e aliviar o personagem revelando a forte ligação do personagem com o ambiente do sítio. Outro ponto relevante é o fato de Ternura não saber quem é o autor do soco. Com isso, podemos entender que poderia ser a própria cidade: “Aquela bofetada doía-lhe mais pelo anonimato. Não sabia de que, nem de onde viera. Um soco da própria cidade. Do que havia de cruel na alma oculta da cidade” (MACHADO, 2004, p.106).

A metrópole é posta como um personagem que age sobre seus moradores e principalmente por quem se aventura por ela. Vale ressaltar a característica humana que é dada pelo autor à cidade “alma oculta da cidade” (MACHADO, 2004, p.106). Ternura no sítio era alguém importante, era o filho amado pelos pais e pelos parentes. Porém, no Rio era alguém insignificante andando perdido, sem intenção nenhuma de progredir na vida financeiramente. Segundo Teixeira:

O relógio e o dinheiro roubados são elementos significativos, pois já anunciam o comportamento de Ternura, que nega uma das premissas do capitalismo, que relaciona o tempo a dinheiro. Toda a cena parece funcionar como uma espécie de condensação da situação do personagem e da narrativa da segunda parte do

romance, pois anuncia o fracasso das tentativas que fará para se adequar à cidade e aos homens que a regem. [...] Seu primeiro contato com a cidade parece ter determinado a sua posição naquela sociedade. (TEIXEIRA, 2005, p. 56-57).

O encontro de Ternura com seu primo nos revela a grande diferença entre os homens considerados importantes na sociedade carioca e a situação que João Ternura. Era o encontro de dois homens de mesma origem. Porém, o primo já fazia parte daquela cidade, ignorava o fato de vir de uma província. Já Ternura trazia traços ainda do campo, evidentemente, não era um homem importante da cidade grande e nem possuía pretensão de se tornar.

O primo mostrava certa vergonha das condições de Ternura, tentando disfarçar o parentesco. Os valores exaltados na cidade grande estavam longe da compreensão e pretensão de Ternura. O primo tentava ajudar com dicas necessárias para se tornar um homem importante:

— Não vai ser tão fácil como imagina. Primeiro que tudo, você terá que arranjar outro físico, ou melhorar esse que tem. Engorde. Adquirá alguns quilos, muitos quilos a mais... Precisa ter presença. Está-se vendo que é tímido. Fui logo notando. Nada bom, isso... Vá metendo os peitos! Mas respeitando sempre as autoridades. Eu me refiro às autoridades, não às leis... Não seja como seu pai que tem mania de escrúpulo. Fale devagar. E com firmeza, mesmo que não tenha nenhuma convicção. Vista-se melhor. E frequente boas rodas. De preferência, os importantes. Olhe (e fez gesto de abranger a muitos) esses todos aqui são importantes. E apareça daqui a alguns meses. Mas engorde, primeiro. (MACHADO, 2004, p. 106).

Ternura escuta os conselhos do primo, porém, se tornar uma pessoa importante não era seu objetivo. Na conversa de Ternura com o mar podemos perceber certa intimidade, como se fossem verdadeiros amigos. Apesar, de viver agora na cidade grande. Ternura encontra um alívio e um amigo para conversar nos elementos que o reconectam com a natureza. Revela ao mar sua indecisão sobre ficar no Rio de Janeiro: “Eu deixei meus pais, meu avô e três tias no planalto e ainda não sei dizer se fico por aqui.” (MACHADO, 2004, p.107). Ternura amassa e joga as cartas de recomendações ao mar. Segundo Teixeira: “O abandono dessas cartas significa também a recusa pelo modo de vida dos homens importantes.” (TEIXEIRA, 2005, p.58).

A conversa ainda nos revela a solidão do personagem. Sem amigos, sem trabalho em uma cidade amarga e ao mesmo tempo sedutora. No segundo encontro com o primo notamos que a situação de Ternura no Rio de Janeiro era completamente de alguém perdido e alheio à pretensão de melhorar financeiramente:

— Já arranjou algum emprego?
 — Não.
 — Por onde andou todo esse tempo?
 — Por aí...

— o que tem feito?

— Nada.

O primo encarou-o de alto a baixo. Pela maneira de olhar só faltou dizer que o achava mal vestido e insignificante.

— Bem, não posso parar com você muito tempo aqui, agora. Precisando de alguma coisa é só falar.

Sacou do bolso uma nota de duzentos, estendeu-a com ênfase a Ternura.

— Obrigado, não preciso. (MACHADO, 2004, p.117).

Mesmo sem trabalho e vivendo a custo da ajuda do avô Ternura recusa o dinheiro do primo. A negação da ajuda do primo e desinteresse em mudar de vida revela como será o decorrer dos dias de Ternura no Rio de Janeiro. O personagem se tornará um vagabundo. Uma situação totalmente diferente do que os pais de Ternura imaginaram quando o jovem mudou do campo para a cidade grande.

Ternura faz uma oração a Deus pedindo para crescer e engordar. Só assim, conseguiria viver na cidade. Segundo Teixeira: “A ironia da narrativa em relação aos homens cuja importância aparece vinculada a uma aparência imponente chega ao auge, e de forma cômica, no episódio ‘Oração para ficar grande’.” (TEIXEIRA, 2005, p. 59). João Ternura envia uma carta a seu avô falando a respeito da sua situação no Rio de Janeiro:

Vovô, estou gostando muito disto aqui, mas tem horas que fico desanimado, com vontade de voltar. Não sei explicar, mas quanto mais esta cidade maltrata a gente, mais a gente gosta dela. Está sempre mostrando seus encantos, mostrando só... Porque esses encantos são para os outros. Depois que eu cheguei, aumentou a minha fome de tudo. Acho que ainda não peguei o jeito de viver aqui. (MACHADO, 2004, p.119).

Além disso, revela sua antipatia pelo primo Bernardo: “O primo Bernardo não deu certo comigo, é um homem muito importante, só vi ele umas três ou quatro vezes, e não quero mais ver. Tomei horror.” (MACHADO, 2004, p.119). Percebemos uma indecisão do personagem: a cidade o atraía, mas, ao mesmo tempo, o maltratava.

Ternura se envolve em uma revolução⁴ que estava acontecendo no país: “Encontrou um grupo, pediu um cigarro, deram-lhe uma carabina” (MACHADO, 2004, p.123). O personagem consegue parar uma metralhadora, com isso, se tornar um herói. João Ternura em meio àquela revolução achou um lugar no qual tinha um papel digno, mesmo sem saber do que se tratava a revolução: “Estava contente: havia lugar para ele nos acontecimentos, começava a valer alguma coisa” (MACHADO, 2004, p. 125). Um herói, mas não igual aos clássicos como em *Iliada* e

4 A revolução mencionada no romance é uma referência à Revolução de 1930, a qual teve por consequência o fim da República Velha.

Odisseia, o personagem não corresponde a uma totalidade. Ternura é uma espécie de herói em preparativos sem uma busca definida e incapaz de produzir qualquer coisa significativa. Diante disso, o protagonista apenas aproveita o fluxo constante que a urbe impõe, ignorando as responsabilidades que a sociedade exige.

Mesmo sem se adaptar de fato à cidade grande, Ternura, se nega a voltar para o campo, assumindo a mesma atitude de insistência na cidade que João Ataxerxes possuía. O personagem explica para o tio que não veio para ser feliz ou não. Tratava-se de outra questão: “A questão era outra. Veio porque era inevitável... porque não podia deixar de vir. Enfim, não sabia por que viera. [...] Voltar, não voltaria. Nem pensar” (MACHADO, 2004, p.140). Ternura entra em delírios: “É aqui”. Aqui, o lugar do desafio. Aqui, o principal da vida vai acontecer”. (MACHADO, 2004, p.140).

Existe um conflito no personagem. A cidade se mostra como algo cruel, mas atrativa. Já o campo significa um refúgio dos desafios de viver na cidade grande: “Sentiu-se confuso e deprimido. E só melhorou quando começou a ver e ouvir uma árvore de sua infância, na chácara. Passou-se todo para essa árvore.” (MACHADO, 2004, p.140). Contudo para o personagem só restam as memórias da sua infância na chácara. João Ternura sente que é ignorado na cidade grande, assim percebe que sua ausência não seria notada por ninguém:

As coisas perdiam a consistência, fugiam. Ninguém lhe dava atenção, ninguém dava atenção a ninguém. Sentia-se à margem, como nos primeiros tempos depois da chegada. Excluído de tudo, excluído mesmo do mundo físico, tinha a sensação de que perdera o contato com as raízes do universo. Não mais corpo químico, espírito ou o que fosse a circular na atmosfera. Olhou para o Rio de Janeiro com a mágoa de amante desprezado. Pela primeira vez pensou na morte. Com sua pessoa ou sem ela, a cidade ia prosseguir na mesma, ninguém tomaria conhecimento. Era cidade para ser amada, não para amar. Não se lembrava de tristeza igual. Terrível a certeza de que os dias iam se repetir, e de que não haveria solução. Sempre o sustentara a esperança de que vinha algo pela frente o acontecimento maior, a grande surpresa, o milagre. Não sabia o que era, nem queria indagar. Apenas sabia que vinha, pois estava ainda em preparativos. (MACHADO, 2004, p. 141).

Ternura sabia que era apenas mais um naquela enorme cidade. Um ser insignificante. O pensamento de morte revela o estado deprimente do personagem. Ternura vive esperando algo maravilhoso acontecer em sua vida. Um evento que mudaria tudo para melhor. Porém, é sentimento inexplicável até para personagem, um verdadeiro milagre. Essa espera justifica a forma de vida de João Ternura. Um homem ainda não realizado, anos morando na cidade grande e sem progresso na vida.

Com o passar do tempo, o protagonista se afasta dos colegas do Rio de Janeiro. Com a perda dos pais, voltar para a chácara era impossível. Ternura se entrega à vida na cidade grande, aproveita tudo que lhe era oferecido. No diálogo de Ternura com Manuel podemos notar como o personagem é alguém à espera do momento certo para começar a viver:

Foi procurar Manuel na gráfica. Estava triste. Prometeu que em breve começaria a trabalhar.

— já é tempo de levar a vida a sério, Ternura.

— Por acaso estou levando a vida em brincadeira?

— Não sei... Você dá a impressão de que ainda não assentou a cabeça... de que continua esperando? Esperando o quê, não sei. Esperando o que não vem, o que não existe.

— Ainda não comecei, Manuel.

— Toda a vida com essa mania de achar que ainda não começou...

— Já disse que ando sempre em preparativos...

— Engano é pensar que o principal ainda não aconteceu, que a verdadeira vida é outra.

— A verdadeira está longe ainda, Manuel... Apenas pressentida. Às vezes parece que está quase, mas é ilusão.

— Francamente, não sei a que vida você se refere, Vida, para mim, é isto que se vê, se ouve, se pega e cheira. A que está acontecendo agora. Que não é boa nem má. A que nos foi dada e estamos vivendo, não a que você pensa.

— Eu não penso nada, Manuel. Estou apenas te dizendo que ainda não comecei. (MACHADO, 2004, p. 204).

Manuel não entende o jeito de viver de Ternura. Totalmente diferente do esperado. Um ponto importante na parte final do romance é a revelação da posse de uma pedra por Ternura. Um fato que autor escondeu até do leitor:

Uma vez, Luisinha, eu era menino, acordei de madrugada, corri à praia, e vi uma pedra ela parecia me chamar de longe. Eu me aproximei para apanhá-la. Devia estar rolando há séculos no leito do rio. Eu acho que ela se escondia dos outros, e se enterrava na areia toda vez que alguém a via ou que a correnteza ameaçava levá-la. Era uma coisa viva, diferente. Só faltava falar. Eu tinha certeza de que essa pedra me esperava. Toda a vida me fez companhia. E está aqui comigo. Eu a trouxe para você, Luisinha. Fique com ela pra sempre. É como se fosse o meu coração. (MACHADO, 2004, p. 264).

O fato de Ternura sempre ter guardado uma pedra revela uma ligação evidente do personagem com o ambiente da sua infância. Portanto, mesmo na cidade grande, João Ternura não havia esquecido o campo. A pedra esperava por Ternura, assim como, o personagem vivia à espera de algo. Segundo esse fato Teixeira ainda afirma:

Retirada do rio da infância, a pedra possui função semelhante ao umbigo do personagem, que foi atirado nas águas desse mesmo rio, representando uma

ligação com a terra natal e com o tempo da infância. Assim, o fato de Ternura entregar a pedra a Luisinha, ou livrar-se dela, pode ser entendido como uma maneira de se desfazer das lembranças que o atormentam. É também uma demonstração de que a vida, que o personagem tanto amou e tanto quis, pode estar se aproximando fim. (TEIXEIRA, 2005, p.87).

João Ternura desaparece sem dar notícias a ninguém. A única lembrança que resta é a pedra dada a Luísa. Mas quando a neta de Luisinha a joga pela janela, não resta mais nada de Ternura: “A moça atira a pedra pela janela. E a pedra, caindo na esconda de uma colina, voltou à terra. Nesse instante, Ternura desapareceu definitivamente.” (MACHADO, 2004, p. 291).

Portanto, João Ternura mudou do campo para a cidade grande, seguindo o pedido dos pais, mas em nenhum momento se tornou alguém ambicioso. O personagem apenas vivia seus dias à espera de uma mudança. Vivia um dilema com a cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o final do romance se assemelha um pouco ao conto “Viagem aos seios de Duília”, pois, José Maria some na escuridão depois de uma grande frustração.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias realizadas pelos personagens analisados se assemelham e se diferenciam em certos pontos. José Maria no conto “Viagem aos seios de Duília” muda-se do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. Este personagem consegue ascensão financeira tornando-se um funcionário público respeitado na sociedade. Tudo que Zé Maria conquista é almejado fantasiosamente pelo personagem João Ataxerxes e ignorado por João Ternura. Em “O telegrama de Ataxerxes” a trajetória do protagonista para a metrópole é totalmente centralizada na realização financeira, mas não por meio do trabalho e sim por uma espécie de apadrinhamento relacionada ao presidente, seu suposto amigo. Na contramão do fluxo capitalista dos grandes centros, o personagem João Ternura, por sua vez, se mostra indiferente. Ele não se importa com o dinheiro, apenas aproveita sua estadia no Rio.

Outro ponto que diverge entre os personagens é a relação com a cidade. João Ternura apesar de algumas vezes sofrer na metrópole, possui um interesse em fazer parte dela. Ataxerxes por outro lado tem uma espécie de deslumbramento com o Rio de Janeiro. Com a degradação do personagem durante a narrativa notamos como a urbe pode ser cruel com quem não se adapta a seu fluxo. José Maria é quem revela uma verdadeira desilusão diante da cidade. Em face disso, realiza uma viagem de retorno ao local provinciano de seu passado. O Rio na sua imensidão reflete o vazio interior do personagem, que inverte sua trajetória atrás de um amor perdido na memória e no tempo. Enquanto Ternura e Ataxerxes negam o retorno, Zé Maria o abraça com esperança.

Nos três protagonistas notamos uma semelhança que é presente nas obras de Aníbal: a ideia de estar sempre em preparativos. Ataxerxes durante a narrativa prepara o telegrama e sua mudança de vida. Já Ternura vive se preparando para algo que nem ele mesmo compreende. Zé Maria realiza todo o preparativo para reencontrar o sentido da sua vida no amor de Duília. Explorando essa característica, o autor consegue envolver o leitor nessa ideia de se esperar por algo. Ao final da espera notamos que não acontecerá nada, o que gera a frustração dos personagens e do leitor.

Na decadência de João Ataxerxes notamos como a cidade torna-se um local de dificuldades. Assim como a urbe coloca os moradores mais pobres na periferia o personagem é deixado de lado, muda-se de um quarto luxuoso para um quartinho miserável em Catumbi, um bairro do Rio de Janeiro. A esperança fantasiosa de Ataxerxes o acompanhará até a morte.

A dúvida do envio do telegrama faz com que ele questione a sua realidade. Diferentemente de José Maria que, enquanto funcionário público, era um homem sério e importante, sem tempo para fantasias, focado apenas no seu trabalho. Contudo, José Maria

possui também um fracasso, mas é algo relacionado ao emocional. A total dedicação ao trabalho o privou de construir laços emocionais e familiares. Se em “Viagem aos seios de Duília” o protagonista sofre por falta de um amor, em *João Ternura* o personagem principal vivencia inúmeros amores.

Além disso, há um sentimento peculiar em Ternura, que é um amor pela própria cidade do Rio de Janeiro. Diante disso, o protagonista do romance é dentre os personagens o que mais aproveita a metrópole, aproximando-se da ideia do *flâneur* de Walter Benjamin. De acordo com o teórico:

A rua transforma-se na casa do *flâneur*, que se sente em casa entre as fachadas dos prédios, como o burguês entre as suas quatro paredes. Para ele as tabuletas esmaltadas e brilhantes das firmas são adornos murais tão ou melhores que os quadros a óleo no salão burguês; as paredes são a secretária sobre a qual apoia o bloco de notas; os quiosques de jornais são suas bibliotecas, e as esplanadas as varandas onde, acabado o trabalho, ele observa a azáfama da casa. (BENJAMIN, 2017, p.39)

Durante a narrativa de *João Ternura* temos a impressão de que a cidade faz esse papel de levar o personagem pelas ruas. Esse fato é algo que está presente durante toda a narrativa. Pois, diante disso Ternura acaba descobrindo mais sobre a metrópole, e seu interesse em fazer parte dela é elevado. Mas vale ressaltar que o personagem não tem a ambição de entrar para a alta sociedade carioca. Ternura renega ser um homem importante. Portanto, seu interesse é em viver.

Mesmo que em alguns momentos a lembrança do sítio venha em seu pensamento, o retorno para Ternura é algo impossível de acontecer. Sob o mesmo ponto de vista as obras “Viagens aos Seios de Duília” e “O telegrama de Ataxerxes” se aproximam, ao comparamos devaneios e imaginações presentes nas narrativas. Isto é, do mesmo modo que Ataxerxes fantasia sua escalada social no “reino de Zito”, Zé Maria imagina que ao retornar para o interior provinciano encontrará Duília ainda jovem, ignorando o transcorrer do tempo. Há uma espécie de oposição para o funcionário aposentado. A cidade seria a realidade factual, a qual se tornou cruel para ele e Pouso Triste seria um lugar utópico, no qual ele encontraria uma nova luz para sua vida.

Sendo assim, ambos produzem projeções fantasiosas que entram em choque com a realidade. Se nos dois contos analisados temos um final trágico e frustrante, no romance possuímos um desfecho mais sutil, uma morte mais simbólica em comparação com a de Ataxerxes e com o desaparecimento de José Maria. João Ternura vai desaparecendo aos poucos,

um processo lento de distanciamento, uma imagem de alguém que observa de longe a cidade do Rio de Janeiro. Alguém que se perdeu na imensidão do Brasil: “De repente seus olhos deixam de avistar os últimos sinais da terra, ele segue para o Nada, levando saudades desse mundo. Assim termina o sonho de sua vida.” (MACHADO, 2004, p.291.)

Apesar de poucas publicações Aníbal Machado é um nome importante para o Modernismo brasileiro. Era um escritor envolvido no meio literário e que contribuiu de inúmeras formas para a promoção da arte. Segundo Paulo Mendes Campos:

Todo mundo era amigo de Aníbal Machado: Os poetas todos: os anteriores a 22, os integrantes da Semana de Arte Moderna, a geração de 45, os concretistas, os indefinidos, que mal tinham metido o bico para fora da casca; os romancistas todos; regionalista; subjetivistas; os plásticos todos [...] Quem chegasse de longe ou partisse: todos procuravam Aníbal Machado. Era um consertador de material humano, e era também que aceitava material humano tal como ele é, precário e torto. (CAMPOS, 1964. p. xii).

Apesar de os livros de história da literatura lhe dedicarem rápidas menções, Aníbal Machado é um escritor relevante do Modernismo que cada vez mais tem a sua qualidade literária e importância reconhecidas pelos pesquisadores e, em especial, no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, R. Em torno a Aníbal Machado. In: *Revista Travessia*. Florianópolis: ed. UFSC, n. 819, v. 5, jan/jun 1984, p. 42-46.
- BAUDELAIRE, C. *Pequenos poemas em prosa*. Tradução de Gilson Maurity Santos. Rio de Janeiro: Record. 2006.
- BENJAMIN, W. *Baudelaire e a Modernidade*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CAMPOS, P. M. Aníbal e o partido da vida. In: *A Arte de viver e outras artes: Cadernos de João, ensaios, crítica dispersa, autorretratos*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T.A Queiroz, 2000.
- CARPEAUX, Maria Otto. Presença de Aníbal. In: *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- DIMAS, Atonio. Uma viagem no sertão. In: *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- LACERDA, Andréa Maria Araújo. *O Espaço ficcional em contos de Aníbal Machado*, 2013. Tese (Doutoramento em literatura e cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- LUKÁCS, G. *Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2009.
- MACHADO, Aníbal. *A morte da porta-estandarte e Tati a garota e outras histórias*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- NAVA, Pedro. *Beira Mar*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. Paulo Henrique de Britto. São Paulo; Cia das Letras, 1979.
- PEREIRA FILHO, J. E. Embratel: A da era da extinção ao tempo da competição. In: *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba. Nº18. 2002, p. 33-47.
- PEREIRA, Farias Marianne. *A perturbação existencial da personagem protagonista em Viagem aos Seios de Duília, conto de Aníbal Machado*. 2013 (Monografia) – Universidade Federal de Paraíba, 2013.

PEREZ, Renard. Aníbal Machado: vida e obra. In: MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. xv-xxxv.

PIGLIA, R. *Formas Breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Balões Cativos. In: MACHADO, Aníbal. *A morte da porta-estandarte Tati, a garota e outras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

RODRIGUES, Marco A. *Contos da vida burocrática: o funcionário público na narrativa curta de ficção brasileira*. 2015. 164f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*; Tradução Rita Correia Guedes, 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*. 2011. Tese (Doutoramento em literatura brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *João Ternura: romance de uma vida*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

WEG, Rosana Morais. *Caos e catástrofe na obra de Aníbal Machado*. 1997. 164 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique de Britto. São Paulo; Cia das Letras, 2011